

TABULEIRO DE LETRAS

Núcleos funcionais da sentença e categorias verbais: a interface sintaxe-semântica da linguagem

Functional heads of sentence and verbal categories: the syntax-semantics interface of the language

Paulo Pereira *

RESUMO:

Neste artigo, intenciona-se demonstrar a estreita correlação que há entre os núcleos funcionais da sentença das línguas naturais e as categorias verbais de Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade, Número e Voz, seguindo a tese da Hierarquia Linear Universal (HLU) proposta por Cinque (1999). Para tanto, nosso texto está dividido nas seguintes partes: (i) faz-se uma revisão teórica acerca das categorias do verbo; (ii) apresentam-se os núcleos funcionais da sentença, segundo a proposta da HLU; (iii) realiza-se um breve comentário sobre a correlação que subjaz a tese da HLU de Cinque, demonstrando quais núcleos funcionais correspondem a quais categorias verbais. Por fim, ressalta-se a importância de se estudar as projeções funcionais sentenciais, com vistas a levar em consideração dentro dos estudos sintáticos questões pragmáticas/semânticas, numa abordagem da interface sintaxe-semântica.

Palavras-chave: Núcleos funcionais da sentença; Categorias do verbo; Hierarquia Linear Universal; GU; Interface sintaxe-semântica.

ABSTRACT:

In this paper, I intend to demonstrate the close correlation that exists between the functional phrases of the sentence of natural language and verbal categories, following the Cinque (1999)'s thesis of the Universal Linear Hierarchy (ULH). For this, our text is divided into the following parts, namely: (i) a theoretical review of the categories of the verb is presented; (ii) the functional heads of the sentence are presented according to the proposal of ULH, and (iii) it takes place a brief comment on the correlation that underlies the Cinque's thesis, demonstrating functional heads which correspond to which verbal categories. Finally, then, I conclude stressing the importance of studying the functional phrases in order to take account pragmatic-semantic issues in the syntactic studies, performing a coherent approach to the syntax-semantics interface.

Keywords: Functional projections of the sentence; Verbal categories; UG; Universal Linear Hierarchy; Syntax-semantics interface.

*Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC), mestre em Letras e Linguística (Sintaxe Gerativa) pelo PPGLL do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e bolsista pesquisador da CAPES. Também, Bacharel e Licenciado em Letras Vernáculas pela UFBA. E-mails de contato: paulorpereiras@gmail.com ou paulorps@ufba.br.



Introdução

Em perspectiva analítica bastante singular, Cinque (1999, 2006a, 2006b, 2006c, 2006d) propõe que as projeções funcionais da sentença apresentam um posicionamento sintático extremamente ordenado e hierarquizado dentro da arquitetura da sintaxe das línguas naturais¹. Tal ordenamento rígido, denominado pelo autor de *Hierarquia Linear Universal* (HLU), está relacionado ao fato de que os núcleos funcionais sentenciais da sentença estão diretamente interligados à marcação das categorias verbais (seja esta morfológica, lexical ou puramente semântico-pragmática, sem nenhum elemento expresso em FF e/ou na sintaxe visível²), também chamadas de categorias funcionais.

Assim, categorias verbais como Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade, Voz e Número³ seriam expressas pelas línguas por meio de um complexo e diversificado arcabouço de projeções funcionais disponíveis já na própria estrutura da GU humana⁴. Essa proposta teórica é conhecida, também, como cartográfica dentro dos estudos linguísticos gerativistas.

Além disso, Cinque também afirma que os sintagmas adverbiais (AdvPs) seriam os argumentos externos ou especificadores (Spec) dessas projeções funcionais, opondo-se à tradição dos estudos linguísticos existentes acerca da sintaxe adverbial, que, comumente, define tais itens lexicais como vocábulos que são acrescentados à sentença já totalmente formada como adjuntos por meio da operação de adjunção à estrutura já existente (cf. JACKENDOFF, 1972; COSTA, 1999; LAENZLINGER, 1998, 2002).⁵ Entretanto, para os objetivos deste artigo, a correspondência existente entre os AdvPs e as projeções funcionais não serão diretamente abordadas.⁶ Nosso objetivo aqui, no texto

¹Toda a cartografia de Cinque para a periferia esquerda da sentença localize-se no que (RIZZI, 1997) denomina de “camada de IP”, na qual se encontram, justamente, os núcleos funcionais do verbo e onde ocorre o licenciamento de traços argumentais tais como caso e concordância (*agree*).

²(*Narrow syntax*).

³Como veremos mais adiante, o conceito de Número verbal utilizado aqui difere qualitativamente daquele apresentado pelas gramáticas tradicionais normativas.

⁴Para Cinque (1999), ao contrário do que é assumido por vários autores, as projeções funcionais da sua cartografia para Periferia Esquerda da sentença encontram-se sempre disponíveis em todas as sentenças de todas as línguas naturais. O fato de nem sempre tais projeções terem seus núcleos preenchidos explica-se, segundo o autor, pelos opcionais valores binários *default* ou marcado para cada núcleo (Cf. Tabela da cartografia do IP estendido de Cinque nos anexos deste artigo, pág.22).

⁵ Para argumentar a favor desta, Cinque propõe alguns testes sintáticos, como a livre movimentação do participio passado passivo e, também, do participio passado ativo italiano⁵ por entre os AdvPs presentes (cf. CINQUE, supra, pág.44) através da operações *mova e merge* (CHOMSKY, 1999).

⁶Convido o leitor interessado em saber mais sobre a correlação existente entre os sintagmas adverbiais e as projeções funcionais da sentença das línguas naturais a ler minha dissertação (tese) de mestrado

presente, é o de apresentar as categorias verbais, relacionando-as aos núcleos funcionais da sentença, demonstrando novas possibilidades analíticas de se pensar a sintaxe numa correlação mais estreita com a Semântica (na denominada interface Semântica – Sintaxe).

As categorias do verbo

Tempo e Aspecto

Para Costa (1990)⁷, os discursos linguísticos representam três entidades básicas no seu nível semântico, a saber: (i) as entidades de primeira ordem; (ii) as entidades de segunda ordem; e (iii) as entidades de terceira ordem.

As entidades de primeira ordem são compostas pelos objetos físicos; indo, em ordem decrescente, “do ponto de vista do tratamento linguístico”, dos humanos, que nela ocupam posição privilegiada, aos animais e objetos inanimados. A caracterização principal dessas entidades é que são localizadas na dimensão espacial. Elas ocupam um lugar específico descrito no espaço físico. Já as entidades de segunda ordem são aquelas compostas pelos estados, processos e eventos. A característica principal dessas entidades é que são localizadas na dimensão temporal. Elas ocupam um momento específico descrito no tempo. E, finalmente, as entidades de terceira ordem são aquelas compostas por elementos abstratos que não se localizam especificadamente nem no tempo nem no espaço, como as entidades anteriores. As proposições, às quais podem ser atribuídas o valor de verdade ou falsidade, são exemplos de elementos pertencentes a essas últimas entidades. Assim, temos entidades linguísticas que são delimitadas no espaço (primeira), no tempo (segunda), e aquelas que não o são nem no espaço nem no tempo, representadas pelas verdades ou proposições (terceira).

Para tratarmos aqui das categorias verbais de Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade, Número e Voz, focaremos, particularmente, nas entidades de segunda ordem. Isso porque essas entidades compõem-se, basicamente, dos acontecimentos, atos, processos, atividades e estados, que são os elementos sobre os

realizada e defendida no Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia, em maio de 2011.

⁷Costa segue perspectiva analítica já proposta anteriormente por Lyons (1980, apud COSTA, 1990).

quais nos deteremos para discorrer acerca das três primeiras categorias citadas (Tempo, Aspecto e Modo/Modalidade, de agora em diante categorias TAM somente).

Sendo os acontecimentos, atos, processos, atividades e estados, elementos representativos das entidades de segunda ordem, são, portanto, elementos localizados no tempo. Assim, essas entidades são tomadas por apresentarem a dêixis linguística. A dêixis, na definição da autora citada, “é a faculdade que tem as línguas de designar os referentes através da sua localização no tempo e no espaço, tomando como ponto de referência básica o falante” (COSTA, 1990, p.15). Dessa forma, a dêixis é definida com base no discurso linguístico.

A localização temporal de uma entidade por meio da dêixis é realizada tendo por parâmetro a noção de ponto dêitico. A autora denomina de ponto dêitico “o ponto espacial e temporal em que o falante está situado no momento em que fala.” Com isso, em relação a um ponto dêitico qualquer, o falante pode situar, por meio da dêixis linguística, os acontecimentos, atos, processos, atividades e estados como anteriores, posteriores ou do exato momento presente; respectivamente: no passado, no presente e no futuro.

Para referir-se ao tempo físico por meio da dêixis, o falante possui nas línguas naturais as categorias TAM⁸. A categoria de Tempo “é uma categoria que marca na língua – por meio de lexemas, de morfemas, de perífrases – a posição que os fatos referidos ocupam no tempo, tornando como ponto de partida o ponto-dêitico da enunciação” (COSTA, 1990, p. 15). Já a categoria de Aspecto, ao contrário da categoria de Tempo que “trata o fato enquanto ponto distribuído na linha de tempo, (...) trata o fato como possível de conter frações de tempo que decorrem dentro dos seus limites” (COSTA, 1990, p. 21).

A diferença existente entre as categorias do Tempo e do Aspecto verbal pode ser entendida a partir da divisão dos tempos verbais existentes em dois: tempos simples e relativos. Tempos simples são os tempos verbais como o presente do indicativo ou o pretérito perfeito, que se caracterizam por recorrerem a um único ponto dêitico na enunciação. Tempos relativos são os tempos como o pretérito-mais-que-perfeito ou os

⁸Em seu texto, Costa (1990, p. 22) argumenta contra a separação das categorias de Aspecto e Modo verbais enquanto categorias linguísticas separadas. Segundo a autora, a categoria de Modo estaria incluída na categoria do Aspecto, não havendo motivos para tal separação. Aqui, não entraremos nessa discussão, por fugir totalmente aos objetivos centrais pretendido em nosso texto. Por isso, recomendamos aos leitores interessados na discussão que vejam nas referências citadas o texto da autora e nele procurem as referências bibliográficas específicas do tema.

tempos verbais perifrásticos compostos com o particípio ou o gerúndio, os quais, para além de terem como referencial temporal o ponto dêitico da enunciação, recorrem, ainda, a um segundo referencial que pode ser posterior, anterior ou concomitante ao do tempo designado no ponto dêitico da enunciação.

Os tempos simples, então, revelam a estrutura dêitica temporal externa dos acontecimentos, atos, processos, atividades e estados (entidades de segunda ordem). Dizem de um dado fato se ocorreu no passado ou pretérito, se está ocorrendo no momento presente ou se ocorrerá no futuro, por exemplo. Os tempos relativos, por sua vez, revelam a estrutura temporal interna dos acontecimentos, atos, processos, atividades e estados. Dizem de um fato se ocorreu anteriormente a outro em um determinado tempo no passado (e.g.: pretérito-mais-que-perfeito), se está ocorrendo no exato momento presente (e.g.: aspecto habitual ou gnômico) ou se está acontecendo repetidamente várias vezes (e.g.: aspecto iterativo ou frequentativo). Assim, os tempos simples exemplificam bem a categoria do Tempo, não possuindo a categoria de Aspecto por não revelarem a estrutura temporal interna dos fatos.

Já os tempos relativos exemplificam bem o Aspecto, porque, além de possuírem a categoria de Tempo, possuem também a categoria do Aspecto, por revelarem a estrutura interna dos fatos. Segundo Costa (1990), tal diferenciação pode ser resumida na oposição esquemática existente entre categoria de Tempo (tempo externo, centra o fato no tempo) *versus* categoria de Aspecto (tempo interno, centra o tempo no fato⁹).

Essa mesma diferenciação pode ser compreendida, também, em termos do par antagonico: tempos perfectivo x tempos imperfectivos¹⁰. Aqueles primeiros, também chamados de tempos simples, apresentam somente a categoria Tempo. Os segundos, também chamados de tempos relativos, apresentam, além da categoria Tempo, a categoria Aspecto. O perfectivo é a variante não-marcada (Ø, ou negativa) pela categoria verbal de Aspecto, enquanto o imperfectivo é a variante marcada positivamente pela categoria verbal de Aspecto

⁹Um exemplo da diferenciação entre pôr centralizado o fato no tempo e pôr centralizado o tempo no fato pode ser, respectivamente, visualizado nos exemplos abaixo fornecido pela autora (COSTA, 1990):

- (i) Caminhei bastante. (tempo externo; centra o fato da ação de caminhar no tempo passado)
- (ii) Estive caminhando por muito tempo. (tempo interno; centra o tempo passado do ato de caminhar no fato de esta ação ter-se prolongado durante todo o dia).

¹⁰Perfectivo: fato referido como global. Não-marcado para as nuances da constituição temporal interna. Os lexemas apresentam o traço semântico [- durativo]. Imperfectivo: fato referido com marca de sua constituição temporal interna. Semanticamente restringido a lexemas que incluam o traço semântico [+ durativo] (COSTA, 1990).

Desse modo, chegamos a alguns traços específicos da categoria Aspecto (tempo imperfectivo) que a diferencia da categoria Tempo (tempo perfectivo) (COSTA, 1990):

- a. A não-referência à localização no tempo;
- b. A constituição temporal interna
- c. A vinculação da categoria situações, processos e estados;
- d. A “representação espacial”.

Podemos resumir, então, tudo o que foi visto anteriormente em relação à caracterização da categoria de Aspecto, conforme pontua Costa (1990).

Aspecto é a categoria linguística que marca a referência ou não à estrutura temporal interna de um fato. Apresenta duas possibilidades, a saber:

- a. Perfectivo: Fato referido como global. Não-marcado para as nuances da constituição temporal interna.
- b. Imperfectivo: Fato referido com marca de sua constituição temporal interna. Semanticamente restringido a lexemas que incluam o traço [+ durativo]. [...] (COSTA, 1990, p. 38).¹¹

De outro modo, mas ainda na mesma temática de estudo, Mateus et alli (1989) definem a categoria de Tempo como aquela:

(...) que exprime, no modo de enunciação experiencial¹², a ordenação do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito por uma predicação relativamente ao intervalo em que ocorre a enunciação da mesma, a categoria de Tempo (grifo nosso) está gramaticalizada nos tempos verbais e exprime-se igualmente através de expressões com o valor de adverbiais temporais e de conectores frásicos de valor temporal (MATEUS et alli, 1989, p.76).

A categoria de Modo/Modalidade

Já as Modalidades verbais (categoria de Modo¹³) são definidas como as categorias associadas aos modos verbais ou aos verbos modais “enquanto elementos

¹¹A autora ainda prossegue com a divisão do imperfectivo em: imperfectivo de curso; imperfectivo de fase inicial; imperfectivo de fase intermediária; imperfectivo de fase final; imperfectivo resultativo. Acredito que a autora tece essa classificação porque em seu texto ela exclui o iterativo, a iminência e o habitual enquanto valores aspectuais. Logicamente que essa discussão de quais e quantos são os valores aspectuais foge aos objetivos centrais do nosso texto.

¹²Mateus et alli (1989) definem o modo de enunciação experiencial como “o modo de enunciação característico da interação verbal, que supõe sempre um *EU* (o nome do LOCUTÁRIO) e um *TU* (o nome do ALOCUTÁRIO), e uma referência espacial-temporal organizada a partir do *aqui* e do *agora* da enunciação”.

¹³Em seu texto, Mateus et alli (1989) consideram, diferentemente da argumentação proposta por Costa (1990), cf. nota de rodapé 32), as categorias de Aspecto e Modo como coisas separadas, abordando-as de maneira individualizada em tópicos específicos.

gramaticais de expressão da atitude do locutor, quer em relação ao conteúdo proposicional ou valor de verdade do seu enunciado, quer em relação ao alocutário a quem o enunciado se destina” (MATEUS et alli, 1989, p.102). Ainda segundo a autora, a modalização consiste numa “modificação introduzida pelo locutor ao nível da predicação¹⁴, como resultado das condições postas à sua realização e da relação entre os elementos envolvidos na produção” (MATEUS et alli, 1989, p.102).

Mateus et alli (1989) considera, assim, os seguintes tipos de modalidades tradicionalmente expressa do ponto de vista lógico:

- a. Modalidades aléticas ou aristotélicas – que funcionam no “nível dos estados de coisas”.

Essas podem ser expressas como necessário ou contingente, possível ou impossível.

- b. Modalidades epistêmicas.

Essas podem ser expressas como certo ou contestável, plausível ou excluído.

- c. Modalidades deônticas.

Essas podem ser expressas como obrigatório ou facultativo, permitido ou interdito.

Exemplos dessas três modalidades linguísticas são fornecidos pela autora em sentenças da língua portuguesa como:

- (i) Modalidade alética:
O homem pode ou não trabalhar. (contingente)
- (ii) Modalidade epistêmica:
O homem nem sempre trabalha. (contestável)
- (iii) Modalidade deôntica:
O homem é livre de não trabalhar. (facultativo) (MATEUS et alli, 1989).

A categoria de Voz

Nos compêndios gramaticais normativos, a categoria de Voz é definida por especificar a forma como é representada a ação, fato, estado etc. expressos pelo verbo,

¹⁴Definição da autora para predicação: “Se, de um ponto de vista semântico, a operação **predicar** (grifos da autora) consiste em atribuir uma determinada propriedade a um certo termo ou em estabelecer uma relação entre termos, *do ponto de vista comunicativo, o acto de predicar (e, portanto, a construção de predicções) visam fundamentalmente, descrever estados de coisas relativos a um dado universo de referência.*”

tendo como o parâmetro o sujeito da sentença (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 384). Assim, uma ação, fato ou estado etc. podem ser apresentados como: (i) praticada pelo sujeito ativo (voz ativa); sofrida pelo sujeito paciente (voz passiva); praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva).

A categoria de Número

Outra categoria da semântica verbal que Cinque (1999) propõe – através de projeções funcionais na própria configuração da arquitetura sintática das línguas naturais – é a de Número. Entretanto, como já dissemos, a noção de categoria de Número Verbal aqui utilizada não se confunde com aquela encontrada nas gramáticas normativas tradicionais. A noção de número verbal identifica-se com a noção que expressa a repetição ou não da ação expressa pelo verbo, como apresentada em Costa (1990):

A categoria de Número Verbal não (...) sendo tratada como o é, por exemplo, nas gramáticas normativas do português, que consideram as três primeiras Pessoas do verbo como a expressão do *singular*, enquanto as três últimas são consideradas como expressão do *plural*. Esse tratamento não é adequado, como já fica evidenciado por vários linguistas (*grifo da autora*). A distinção que aí se estabelece é do âmbito da categoria de Pessoa. Estou entendendo por Número Verbal aquilo que é proposto por COSERIU (1980, pág. 21): a categoria de Número Verbal se aplica aos verbos quando se expressa a repetição ou não do fato verbal, o que produziria a oposição *semelfactivo* (fato verbal expresso como único, singular, ocorrendo apenas uma vez) x *repetido* (iterativo ou frequentativo). Assim, aquilo que as gramáticas normativas chamam de verbos iterativos ou frequentativos, como *saltitar*, expressa, muitas vezes, repetições de fatos verbais singulares, nesse caso, do fato verbal expresso pelo verbo *saltar* (esse, um semelfactivo). O par *saltar* x *saltitar* seria, então, melhor compreendido se analisado como exemplo da aplicação da categoria de Número para os verbos (COSTA, 1990, p. 25).

As projeções funcionais sentenciais das línguas naturais

Cinque (1999) argumenta a favor da existência de diversas projeções funcionais dentro da arquitetura sintática das línguas naturais. Essas projeções estão interligadas de maneira direta com os morfemas, afixos, partículas auxiliares e partículas funcionais verbais existentes que ocorrem nas sentenças das línguas. Todos esses elementos

linguísticos relacionam-se com a marcação funcional das categorias de Tempo, Aspecto e Modo verbais (categorias TAM), ou, ainda, com as categorias de Voz e Número. É com base na análise da marcação funcional nas línguas naturais, que é realizada por meio daqueles elementos linguísticos ligados às categorias verbais, que Cinque (1999) estipula quais núcleos funcionais (X°) devem ser postulados em sua HLU. Isso significa dizer que todos os núcleos funcionais apresentados por ele na sua hipótese estão inter-relacionados àquelas categorias verbais vistas anteriormente, notadamente as categorias TAM, mas, também, ainda, menos frequentemente, a de Número e Voz. Assim, segue-se uma sucinta apresentação das projeções funcionais da HLU.

A primeira projeção funcional de modo¹⁵ proposta por Cinque (1990) é a ligada aos atos de falas¹⁶ (no original, *Speech act mood*). Esses atos de falas marcam, basicamente, a força ilocucionária da sentença. Desse modo, uma língua pode distinguir os modos das formas verbais declarativas de interrogativas e de formas imperativas. Geralmente, segundo Cinque (1999), esses sintagmas ocupam a posição de núcleo mais alta dentro do “espaço do IP” e, também, a posição mais alta dentro do esquema hierárquico que ele propôs. Ex: *Francamente*, eu não poderia falar sobre isso para ninguém.

A segunda projeção funcional de modo (*Mood*)¹⁷ seguinte àquelas ligadas aos atos de fala é a de modo avaliativo (*Mood evaluative*). Essas, geralmente, são expressas nas línguas por meio de morfemas presos (sufixos) ou por morfemas livres (modais ou partículas). O modo avaliativo não afeta o valor de verdade da proposição, mas expressa a avaliação do falante (ex: positiva, negativa ou outra qualquer) acerca do estado de negócios descritos nela, constituindo-se, portanto, num modo epistêmico. Ex: *Lamentavelmente*, ele foi denunciado colando no exame final.

O modo evidencial (*Mood evidential*), que é o seguinte ao avaliativo, de outro lado, expressa o tipo de evidência que o falante tem da sua asserção ou sentença. Normalmente, esse modo é expresso nas diferentes línguas por meio de afixos verbais,

¹⁵ Segundo Cinque (1999), o modo se diferencia da modalidade pelo fato de que, apesar de ambas as características do sistema verbal das línguas naturais expressarem a opinião ou atitude do falante em relação à proposição, a primeira o faz comumente através da morfologia verbal, enquanto a segunda o faz, normalmente, através de palavras tipicamente independentes, como o uso de verbos e auxiliares, ou, ainda, de afixos e partículas.

¹⁶ Para uma discussão intensa dos atos de falas das línguas naturais sobre o prisma da Filosofia da Linguagem, o que foge ao nosso objetivo central aqui, ver Searle, 1981.

¹⁷ Cinque utiliza-se das siglas *Mood* para os núcleos de modo/maneira e *Mod* (do inglês *modals*) para os núcleos modais/modalizadores.

auxiliares modais ou partículas independentes. Cinque (1999) aponta que algumas línguas têm sistemas de marcação evidencial bastante elaborados e complexos, chegando a marcar cinco ou seis diferentes distinções avaliativas, como, por exemplo, em concordância se o falante tem testemunhado visualmente o estado, evento ou processo descrito na sentença, se possui somente evidência auditiva ou sensorial ou de outro tipo qualquer, se tem ouvido a declaração de mais alguém, ou, ainda, se tem evidência reveladora (como um sonho ou premonição), ou se é baseado em sua própria experiência prévia anterior. Ex: Ele disse, *obviamente*, toda a verdade sobre o assunto.

Após o modo evidencial, segue-se o modal epistêmico (*Mod epistemic*). Como já vimos, o modo epistêmico, diferentemente do alético, que expressa verdades possíveis ou necessárias, é aquele que marca o grau de confiança do falante acerca da verdade da proposição baseada no tipo de informação que ele/ela tem. Ex: *Provavelmente*, ele já pagou aquela conta vencida há cinco dias.

Seguidamente aos modos visualizados acima, temos as projeções nucleares interligadas à categoria de Tempo. Cinque (1999) compreende Tempo (*Tenses*) como uma relação entre entidades temporais (*times*)¹⁸, adotando perspectiva já proposta antes dele por Reichenbach (1947 apud CINQUE, 1999).

Outro ponto de vista teórico adotado por Cinque (1999) é aquele que propõe que se dividam os tempos verbais (*Tenses*) como ocupantes de ao menos três núcleos funcionais temporais (T°) diversos cada um ocupando uma posição própria específica dentro da HLU dos núcleos funcionais das sentenças. Dessa forma, ao em vez de se ter um único núcleo para hospedar a categoria de Tempo, tem-se, pelos menos, três núcleos como em esquema sugerido por (GIORGI; PIANESI, 1991, 1997; ZAGONA, 1988, apud CINQUE, 1990, p. 83): [... [T1 (Passado)... [T2 (Futuro)... [T3 (Anterior/“Presente”)... V].

Contudo, segundo Cinque (1990), enquanto o T(*Past*) e o T(*Future*) ocorrem exatamente nessa ordem e nas posições precisas precedidos dos *Mood evaluative* e *Mood*

¹⁸Essa proposta, como já dissemos, foi esboçada por (REICHENBACH, 1947, apud CINQUE, *supra*) em oposição ao tratamento do tempo como operadores lógicos. Os dois pontos de vista, conjuntamente, apresentam a divisão tradicional clássica de uma “teoria dos tempos”, segundo CINQUE. Outra diferenciação importante a ser ressaltada aqui, é sobre a diferenciação existente em língua inglesa entre *Tense* e *Time*. O primeiro remete-se aos tempos verbais especificadamente (por exemplo, passado, presente, futuro, pretérito-mais-que-perfeito ou futuro do pretérito, em língua portuguesa), enquanto o segundo trata do tempo de forma genérica, como entidade subjetiva de divisão espacial criada pelo homem e parâmetro da existência humana.

evidential. T(anterior) ocorre um pouco mais adiante entre os núcleos aspectuais os quais mais a frente serão abordados.

Após os núcleos de modo ligados aos tempos verbais passado e futuro, exatamente nessa ordem, segue o núcleo de modo *irrealis* (*Mood irrealis*). A distinção entre modo *realis* e *irrealis* traduz-se pelo antagonismo existente, respectivamente, entre os modos Indicativo vs. Subjuntivo na língua portuguesa. Assim, o modo *realis* expressa ações concretas, reais, verídicas, cuja existência é um fato certo não passível de contestação; enquanto o modo *irrealis* expressa ações não-concretas, não-verídicas, cujo caráter de realidade é um fato ainda passível de contestação, podendo tornar-se real ou não. Cinque (1999) aponta que o modo *irrealis* é usado quando o falante não sabe ou não tem conhecimento bastante suficiente para afirmar se a proposição é verdadeira ou não. Podemos exemplificar, logo a seguir, respectivamente, o modo *realis* (sentenças a, c, e) e *irrealis* (sentenças b, d, f) na língua portuguesa:

Ex:

- a. Espero por um carona que me *leva* até meu bairro.
- b. Espero por uma carona que me *leve* até meu bairro.
- c. Quero me casar com uma baiana que *sabe* dançar.
- d. Quero me casar com uma baiana que *saiba* dançar.
- e. Ele falou que você *diz* a verdade.
- f. Ele falou que, talvez, você *dissesse* a verdade.

Depois do modo *irrealis* vem o núcleo de modalidade alética (*alethic modals*). Dois núcleos representam a modalidade alética na estrutura da sentença: o núcleo modal de necessidade (*Mod alethic necessity*) e o núcleo modal de possibilidade (*Mod alethic possibility*). Segundo Cinque (1999), esses núcleos ocorrem nessa mesma ordem entre os advérbios epistêmicos anteriormente colocados e o que ele chama de modalidade raiz (*root modality*¹⁹). Os dois núcleos funcionais aléticos posicionam-se seguidamente abaixo dos núcleos de modo ligados ao tempo futuro e passado, que precedem o núcleo *irrealis*

¹⁹Os núcleos da modalidade raiz (*root modality*), segundo Cinque (1999), ocupam posições mais baixas que os núcleos epistêmicos na estrutura sentencial dentro de sua Hierarquia Universal Linear das Projeções Funcionais. Além disso, a modalidade raiz é caracterizada por não ser constituída por uma classe monolítica de elementos, mas, sim, por ser compostas por diferentes subclasses semânticas de elementos (de volição, obrigação, habilidade e permissão).

anterior. Respectivos exemplos são: a) Vocês *necessariamente* têm de ir conosco; b) *Possivelmente*, vocês terão de ir comigo.

Os núcleos de modalidade raiz vêm logo após os núcleos de modalidade alética acima. Da mesma maneira que estes últimos, os núcleos de modalidade raiz também apresentam subdivisões. Assim, temos os núcleos de modalidade raiz de volição (*Mod volition*), de obrigação (*Mod obligation*) e de habilidade/permissão (*Mod ability/permission*). Esses núcleos aparecem exatamente nessa ordem *Mod volition* > *Mod obligation* > *Mod ability/permission*. Respectivamente, e.g.: *intencionalmente*; *inevitavelmente*; *desajeitadamente*. Porém, alguns núcleos aspectuais (Asp^o), que serão os próximos a tratar, ocorrem entre eles.

Mais abaixo dos núcleos funcionais de Modo, de Tempo, de modalidade epistêmica e de modalidade alética acima apresentados vêm os núcleos funcionais de Aspecto (*aspectual heads*) que são ligados diretamente à categoria verbal de Aspecto explanada anteriormente em nosso texto. Os núcleos aspectuais apresentam várias subdivisões, compondo-se de várias subclasses e constituindo-se no maior grupo dentro todos os já ditos. Dessa forma, Cinque (1999) propõe a existência dos seguintes núcleos funcionais aspectuais²⁰, assim classificados de acordo com o Aspecto verbal expresso:

[*habitual* (Asp_{habitual}) [*again* Asp_{repetitive} (I) [*often* Asp_{frequentative} (I) [*quickly* Asp_{celerative} (I) [*no longer* Asp_{terminative} [*still* Asp_{continuative} (I) [*always* Asp_{perfect} [*just* Asp_{retrospective} [*soon* Asp_{proximative} [*briefly* Asp_{durative} [*characteristically*(?) Asp_{generic/progressive} [*almost* Asp_{prospective} [*completely* Asp_{sg} Complete (I) [*tutto* Asp_{pl} complete [*fast/early* Asp_{celerativo} (II) [*again* Asp_{repetitive} (II) [*often* Asp_{frequentative} (II) [*completely* Asp_{complete} (II) (CINQUE, 1999).

O núcleo aspectual habitual (*habitual aspect*) é definido por descrever um “estado, processo ou evento” (MATEUS et alli, 1989) ou uma situação caracterizando-a em um “período estendido de tempo”, segundo CINQUE (1999). Além disso, o aspecto habitual distingue-se dos aspectos repetitivo e iterativo pelo fato de que estes últimos dois aspectos verbais apenas expressam a “mera repetição de uma situação”, enquanto que aquele primeiro descreve a característica do período completamente.

²⁰Por entre os núcleos funcionais aspectuais expressos agora no texto, posicionam-se o núcleo T^o(anterior), já mencionada antes no texto, e o núcleo Voice^o, que é relacionado à categoria verbal de Voz, sobre o qual falaremos logo em seguida após os núcleos aspectuais. Omitimos a presença desses dois núcleos para fins de facilitação da exposição e apresentação dessas projeções.

Os núcleos aspectuais repetitivo-frequentativos I e II (*repetitive/frequentative aspects*) marcam, como está explícito na sua própria denominação, a repetição ou a frequência na qual um “estado, evento ou processo” ocorre, expressando se tal ação é repetida em uma única certa ocasião específica ou em ocasiões diferentes. Ele relaciona-se diretamente com a noção de categoria de Número Verbal, como exposto em (COSTA, 1990, p. 24).

Segundo a autora, o núcleo repetitivo I e repetitivo II e o frequentativo I e II não co-ocorrem e preenchem a mesma posição de especificador (Spec) na sentença, mas, sim, ocupam posições diferentes entre si na arquitetura sintática da linguagem, com a ressalva de que os repetitivo/frequentativo I preenchem posições mais altas dentro da estrutura da Sintaxe do que os repetitivo/frequentativo II ²¹. Algumas línguas naturais, a exemplo do *Austronesian language Sobei*, fornecido por Cinque (1999, p. 92-93), possuem afixos morfológicos diversos para expressarem o aspecto repetitivo/frequentativo, enquanto outras o fazem por meio de itens lexicais auxiliares e/ou advérbios somente.

O próximo núcleo funcional diretamente ligado à marcação do Aspecto verbal é o núcleo celerativo. Assim como o aspecto verbal repetitivo-frequentativo anteriormente mencionado, o núcleo aspectual celerativo também se subdivide em dois (chamados, similarmente, celerativo I e celerativo II). O aspecto celerativo, comumente, é definido como uma marcação morfológica verbal particular que expressa o fato de que a ação verbal desempenhou-se rapidamente.²² Também, assim como ocorre com o aspecto anterior dito, os dois núcleos celerativos I e II ocupam duas posições autônomas entre si na estrutura sintática.

Outro núcleo funcional aspectual seguinte é o terminativo. O aspecto terminativo, também denominado de cessativo, é caracterizado por apresentar a ação expressa pelo verbo como tendo alcançado um ponto final de execução, embora não necessariamente tal ponto coincida exatamente com o ponto final natural de conclusão dessa ação. Normalmente, o aspecto terminativo ou cessativo é expresso nas línguas por meio de afixos verbais, partículas auxiliares ou sintagmas adverbiais.

²¹ Entretanto, um mesmo e único item lexical, por exemplo, os mesmos sintagmas adverbiais, podem ocorrer nas duas posições de núcleos aspectual repetitivo/frequentativo I e II; às vezes, isso acontece até de forma simultânea e concomitante.

²² “(...) a particular verbal morphology signaling that the action has been performed quickly”(CINQUE, 1999, p. 93).

Após o núcleo aspectual terminativo, segue-se o núcleo funcional de aspecto continuativo (*continuative aspect*). O aspecto continuativo, segundo Cinque (1999), parece manter uma relação estreita com o aspecto terminativo anterior, com a diferença de que, enquanto esse último marca o determinado ponto final da ação verbal expressa, aquele primeiro expressa justamente o contrário, indicando que a ação verbal continua em execução num dado momento de fala. Contudo, apesar da estrita relação que Cinque (1999), indica existir entre o aspecto continuativo e terminativo, ele afirma que razões empíricas ainda maiores parecem existir, para que se postule que o continuativo e o terminativo ocupem núcleos funcionais separados, dentre eles, sobretudo, a mais importante, o fato de que tais núcleos só podem ocorrer na ordem terminativo > continuativo e nunca na ordem inversa continuativo > terminativo.

Seguinte ao aspecto continuativo vem o núcleo funcional aspectual relacionado à marcação de Aspecto perfeito/imperfeito (*perfect/imperfect aspect*). Cinque (1990) não levanta muitas hipóteses acerca desse núcleo nem tece maiores comentários e afirmações sobre sua caracterização. Indica apenas, porém, que o núcleo perfeito/imperfeito ocorre logo após os núcleos terminativo e continuativo, já vistos antes²³.

Os aspectos retrospectivo e aproximativo (*retrospective and proximate aspects*) ocorrem logo após o perfeito/imperfeito. Eles são abordados de maneira conjunta pelo autor, por causa da estreita relação que há entre eles. De maneira geral, o aspecto retrospectivo expressa que uma determinada ação ocorreu em um determinado tempo passado, ou, mais precisamente, que acabou de ocorrer. Já o aspecto aproximativo expressa que uma determinada ação ocorrerá logo mais adiante no futuro, ou, mais precisamente, que acontecerá a partir de agora em diante. De acordo com Cinque (1999), esse dois aspectos das línguas naturais são, geralmente, expressos por meio de partículas, perífrases²⁴ ou afixos verbais.

²³Talvez, o núcleo perfeito/imperfeito mencionado por Cinque (1999) esteja ligado diretamente ao que chamamos de aspecto perfectivo e imperfectivo em língua portuguesa, já mencionado anteriormente neste texto por nós (cf. 5.3). Assim, talvez, tal núcleo funcional aspectual seja justamente o lugar no qual ocorre a marcação das sentenças distinguindo-as entre perfectivas e imperfectivas, embora não possamos afirmar categoricamente isso aqui, devido ao fato de que o autor não deixa muito claro e nem tece maiores considerações acerca do que ele denomina de perfeito/imperfeito em seu texto.

²⁴A própria língua portuguesa, além da língua francesa, são exemplos de línguas que expressam o aspecto retrospectivo através de perífrases verbais, como podemos constatar nos exemplos abaixo (CINQUE, 1999, p. 96):
a. *Je viens d'arriver.* (adaptado)

Depois dos núcleos aspectuais retrospectivo e aproximativo, ocorre o núcleo funcional aspectual durativo (*durative aspect*). O núcleo aspectual durativo, basicamente, expressa a duração, em um determinado período de tempo, de ocorrência de uma ação ou acontecimento. Assim, o aspecto durativo expressa que uma ação verbal prolonga-se no tempo em sua execução, ou seja, possui uma duração.

Os outros dois núcleos funcionais aspectuais seguintes ao aspecto durativo são os núcleos aspectuais genérico e progressivo (*generic/progressive aspect*). Segundo Cinque (1999, p. 99), “Generic sentences in fact seem to refer to some inherent characteristic (of an object) that may not even have had realization once.”²⁵ O aspecto genérico, então, diferencia-se do aspecto habitual, conforme o autor, porque, enquanto este expressa a ocorrência de uma ação como um fato real habitual, repetindo-se usualmente no tempo, aquele outro expressa a ação verbal como um fato real “genérico” que pode ainda não ter sido realizado concretamente, ou seja, um fato verídico, mas que nunca foi executado. Já o aspecto progressivo expressa que uma determinada ação verbal está ocorrendo (ou seja, está em progresso) no tempo. Podemos exemplificar em língua portuguesa o aspecto genérico e progressivo, respectivamente: Ex: a) Um ser humano *corre* até 40 km por horas; b) Marcos *está correndo* agora a 20 km por hora.

Em seguida, aparece o aspecto prospectivo (*prospective aspect*). O núcleo funcional aspectual prospectivo relaciona-se àquelas formas gramaticais (afixos, partículas, auxiliares e construções perifrásticas) que expressam um determinado ponto no tempo que é imediatamente anterior ao começo ou ao instante inicial de um “estado, evento ou processo.”²⁶ Cinque (1999) cita que, às vezes, ele é relacionado ao tempo futuro, mas isso não condiz totalmente com a verdade.

Logo após o aspecto prospectivo, seguem-se os núcleos funcionais aspectuais completivos (*completive aspect I and II*). O aspecto completivo, assim como ocorreu com os outros núcleos aspectuais celerativos I e II, repetitivos I e II, frequentativos I e II, também ocorre bifurcado com dois posicionamentos possíveis de existirem na arquitetura sintática. Assim, existem os núcleos prospectivos I e II. Cada qual ocupando posições distintas da sentença e independentes entre si, igualmente aos demais núcleos

b. Acabo de chegar. (adaptado)

²⁵Tradução minha: Frases genéricas na verdade parecem referir-se para alguma característica inerente (de um objeto) que, provavelmente, nunca já teve realização ao menos uma vez.

²⁶“(...) the term ‘prospective aspect’ has come to be used for those grammatical forms (affixes, particles, auxiliaries and periphrastic constructions) that mark ‘a point *just prior* to the beginning of a event’ (...)” (CINQUE, 1999, p. 99).

funcionais bifurcados anteriormente citados. Os núcleos aspectuais completivos expressam que uma determinada ação já tem alcançado seu fim ou seu ponto final, isto é, sua conclusão: Many languages appear to have a specific marker to signal that a telic process has reached completion (namely, the natural end point of the process) ²⁷ (CINQUE, 1999, p.100).

Cinque (1999) aponta, ainda, que enquanto o núcleo completivo I expressa que cada membro de um determinado grupo, no caso de um conjunto de elementos, tem sido afetado pelo término da ação, o núcleo completivo II expressa que cada membro de um grupo tem sido totalmente afetado pelo término da ação. Dessa forma, o completivo I indica que a ação afetou a todos os membros do grupo e o completivo II indica que a ação que afetou todos os membros de um grupo já terminou. Esse é o motivo pelo qual Cinque (1999) prefere estabelecer uma distinção, inclusive ocupando posições sintáticas diversas, entre esses dois tipos de aspecto completivo.

Por fim, após todos os núcleos funcionais aspectuais vistos, ainda há o núcleo funcional ligado às vozes ativa e passiva do verbo (*Voice*^o). Entretanto, apesar de aqui aparecer como última projeção funcional mencionada dentro da HLU, *Voice* não ocupa a última posição na hierarquia propriamente dita, mas, sim, ocorre dentro o esquema das projeções funcionais aspectuais, localizando-se logo após o aspecto completivo I e antes do aspecto celerativo II. Segundo Cinque (1999), o núcleo *Voice* está relacionado diretamente com os chamados “advérbios de modo/maneira” das GTs, para nós, mais precisamente, sintagmas adverbiais de modo. Uma possível comprovação disso vem do fato de que em algumas línguas, como em língua *Maori* (*Austronesian*), as partículas linguísticas indicativas de modo/maneira realizam concordância com os verbos em voz passiva.

Assim, discorreremos sobre todos os núcleos funcionais da sentença apontados por Cinque (1999). Vimos que, de maneira geral, todos eles estão ligados a, pelo menos, uma das categorias do verbo, seja esta de Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade, Número ou Voz.

A relação entre as categorias verbais e as projeções funcionais da sentença

²⁷ Tradução minha: Algumas línguas parecem ter um marcador específico para sinalizar que um processo *télico* tem alcançado a sua conclusão.

Dessa forma, seguindo a hipótese da Hierarquia Linear Universal de Cinque (1999) para os sintagmas funcionais da sentença nas línguas naturais, teríamos uma estreita correlação entre os núcleos de tais sintagmas e as categorias semânticas verbais existentes, como podemos verificar na correlação abaixo:

- Núcleos funcionais ligados à categoria de Tempo: T(Past), T(Future), T(anterior);
- Núcleos funcionais ligados à categoria de Modo/Modalidade: Mood_{speech act}, Mood_{evaluative}, Mood_{evidential}, Mod_{epistemic}, Mood_{irrealis}, Mod_{aleth necess}, Mod_{volition}, Mod_{obligation}, Mod_{ability/permis};
- Núcleos ligados à categoria de Aspecto: Asp_{habitual}, Asp_{repetitive (I)}, Asp_{frequentative (I)}, Asp_{celerative (I)}, Asp_{terminative}, Asp_{continuative}, Asp_{perfect}, Asp_{retrospective}, Asp_{proximative}, Asp_{durative}, Asp_{progressive}, Asp_{prospective}, Asp_{completiveSg}, Asp_{completivePl}, Asp_{celerative (II)}, Asp_{repetitive (II)}, Asp_{frequentative (II)}, Asp_{completive (II)}; dentre os quais, também, há aqueles Núcleos ligados, notadamente, a categoria de Número: Asp_{habitual}, Asp_{repetitive (I)}, Asp_{frequentative (I)}, Asp_{repetitive (II)}, Asp_{frequentative (II)};
- Núcleos funcionais ligados à categoria de Voz: VoiceP.

Considerações finais

Vimos que Cinque (1999) propõe a existência de diversos novos núcleos funcionais sintagmáticos na arquitetura sintática das línguas naturais. Esses núcleos, seguindo o autor, são ordenados rigidamente na periferia esquerda da sentença dentro de uma Hierarquia Linear Universal (HLU). Observamos, também, que essas novas projeções funcionais estão, sempre, conectadas à marcação das diferentes categorias verbais, como Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade, Aspecto e Número. Tecemos, então, uma sucinta revisão teórica acerca daquelas cinco principais categorias verbais que nos interessam diretamente para os objetivos centrais do nosso texto. Vimos, ainda, quais projeções funcionais ligam-se às projeções funcionais mencionadas, preenchendo-lhes a posição de núcleo. Comentamos, também, de maneira muito breve, sem maiores pormenores, que Cinque (1999) propõe que os sintagmas adverbiais ocupem a posição de especificadores daqueles núcleos funcionais abordados. Finalmente, para

concluímos, ressaltamos que o artigo presente justifica-se por enfatizar a importância de se estudar as projeções funcionais da sentença, tendo sempre em vista o campo analítico de interface Pragmática/Semântica-Sintaxe, isto é, com vistas a levar em consideração dentro dos estudos linguísticos sintáticos questões pragmáticas/semânticas das línguas naturais.

Referências

CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo. “Restructuring” and Functional Structure. In: *Restructuring and Functional Heads - The Cartography of Syntactic Structures*. Vol.4. CINQUE, G. (org.). New York: Oxford University Press, 2006 a, p. 11 - 63.

CINQUE, Guglielmo. Issues in adverbial syntax. In: *Restructuring and Functional Heads - The Cartography of Syntactic Structures*. Vol.4. CINQUE, G. (org.). New York: Oxford University Press, 2006 b, p. 119 - 144.

CINQUE, Guglielmo. The status of “mobile” suffixes. In: *Restructuring and Functional Heads - The Cartography of Syntactic Structures*. Vol.4. CINQUE, G. (org.). New York: Oxford University Press, 2006 c, p. 167 - 173.

CINQUE, Guglielmo. A note on Mood, Modality, Tense, and Aspect affixes in Turkish. In: *Restructuring and Functional Heads - The Cartography of Syntactic Structures*, v.4.

CINQUE, G. (org.). New York: Oxford University Press, 2006 d, p.175 - 185.

CHOMSKY, Noam. *O Programa Minimalista*. Tradução, apresentação e notas à tradução: Eduardo Raposo Paiva. Lisboa: Caminho, 1999.

CORCU, Demet. *Non-assertive epistemic adverbs and deontic necessity*. Disponível em: semanticsarchive.net/Archive/jE2MDk3O/ESSLLI03-paper.pdf. Acesso em: 20 jan. 2011.

COSTA, João; GONÇALVES, Anabela. *Minimal projections: evidence from defective constructions in European Portuguese*. 1999. Disponível em: ddd.uab.cat/pub/cwpil/1132256Xv7p59.pdf. Acesso em 26 de maio de 2010.

COSTA, João. *Subject positions and interfaces: the case of European Portuguese*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004. Também disponível em: <http://www.reference-global.com/doi/book/10.1515/9783110197396>. Livro gentilmente cedido pelo autor via correspondência pessoal.

COSTA, S. B. B. *O aspecto em português* – Coleção Repensando a Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 1990.

ILARI, Rodolfo *et alli*. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: Castilho, A.T.(org.). *Gramática do português falado*. Vol.1: a ordem. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p.63-141.

JACKENDOFF, R. *Semantic interpretation in generative Grammar*. Cambridge: The MIT Press, 1972.

LAENZLINGER, Christopher. The syntax of adverbs. In: *Comparative studies in word order variants: adverbs, pronouns and clause structure in romance and Germanic*. Amsterdam/New York: John Benjamins, 1998. Tese de doutorado.

LAENZLINGER, C. *A feature-based theory of adverb syntax*. GG@G (Generative Grammar in Geneva), n.3, 2002, p.67-105. Disponível em: <http://www.unige.ch/lettres/linge/syntaxe/journal/Volume3/laenzlingerGG@G.pdf>. Acesso: 24 de maio de 2010.

MATEUS, M. H. M. *et alli. Gramática da língua portuguesa*. – 4ª edição. Lisboa: Caminho, 1989.

OLIVEIRA, I. O. de. *Os advérbios no português brasileiro: para uma distinção sintático-semântica entre os advérbios modificadores de constituintes e os advérbios modalizadores de sentença*. Comunicação pessoal gentilmente cedida pela autora.

OLIVEIRA, I. O. de. *Um estudo preliminar sobre os advérbios predicativos no português brasileiro com base no programa minimalista*. Comunicação pessoal gentilmente cedida pela autora.

PEREIRA, P. R. *O posicionamento sintático dos advérbios predicativos de constituintes no português brasileiro*. Comunicação apresentada no X Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação (SEMPPG), de 11 a 13 de novembro de 2009, UFBA.

PEREIRA, P. R. *Os sintagmas adverbiais predicativos de constituintes no português brasileiro*. Comunicação apresentada no V Seminário Estudantil de Pesquisa em Letras (Sepesq - UFBA), de 14 a 16 de outubro de 2009, Instituto de Letras (ILUFBA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: *Elements of grammar: Handbook in generative syntax*. HAEGEMAN, Liliane (editora). Kluwer Academic Publishers: Países Baixos, 1997, p.281 - 337.

RIZZI, Luigi. Locality and left periphery. In: *Structures and beyond: the cartography of syntactic structures*. Vol.3. Oxford University: New York, 2004. Págs.223-251. Disponível também em: www.uni-leipzig.de/~muellerg/rizzi.doc.

SEARLE, J. R. *Os actos de fala: Um ensaio de Filosofia da Linguagem*. Tradução de VOGT, C.; MALERONKA, A. C.; BARBOSA FILHO, B.; GONÇALVES, M. S.; SOBRAL, A. U. Coimbra: Livraria Almedina, 1981.

WILSON, Stephen; SAYGIN, A. P. *Adverbs and functional heads in Turkish: Linear order and scope*. Disponível em: <http://stephen.murray.wilson.googlepages.com/home.html> para download em PDF.

1– Anexos

QUADRO I – Valores do traço *default* (não-marcado) e marcado dos núcleos das projeções funcionais da cartografia do IP:

Núcleos funcionais	Valor <i>default</i> (não-marcado)	Valor marcado
MoodP _{speech act}	Declarative	- declarative
MoodP _{evaluative}	- [- fortunate]	- fortunate
MoodP _{evidential}	direct evidence	- direct evidence
ModP _{epistemic}	direct evidence	- commitment
TP(Past)	R ₁ , S	R _{1-S}
TP(Future)	R ₁ , S ₂	R _{1-S₂}
MoodP _{irrealis}	Realis	Irrealis
ModP _{aleth necess}	- [- necessary]	- necessary
ModP _{volition}	- [- volition]	- volition
ModP _{obligation}	- [- obligation]	- obligation
ModP _{ability/permis}	- [- ability/permission]	- ability/permission
AspP _{habitual}	- [+ habitual]	+ habitual
AspP _{repetitive (I)}	- [+ repetitive]	+ repetitive
AspP _{frequentative (I)}	- [+ frequentative]	+ frequentative
AspP _{celerative (I)}	- [+ celerative]	+ celerative
TP(anterior)	E, R ₂	E_R ₂
AspP _{terminative}	- [+ terminative]	+ terminative
AspP _{continuative}	- [+ continuative]	+ continuative
AspP _{perfect}	Imperfect	+ perfect
AspP _{retrospective}	- [+ retrospective]	+ retrospective
AspP _{proximative}	- [+ proximative]	+ proximative
AspP _{durative}	- [+ durative]	+ durative
AspP _{progressive}	Generic	+ progressive
AspP _{prospective}	- [+ prospective]	+ prospective
AspP _{completiveSg}	- [+ completive]	+ completive
AspP _{completivePl}	- [+ completive]	+ completive
<i>VoiceP</i>	Active	Passive
AspP _{celerative (II)}	- [+ celerative]	+ celerative
AspP _{repetitive (II)}	- [+ repetitive]	+ repetitive
AspP _{frequentative (II)}	- [+ frequentative]	+ frequentative
AspP _{completive (II)}	- [+ completive]	+ completive

PEREIRA, P. R. Núcleos funcionais da sentença e categorias verbais: a interface sintaxe-semântica da linguagem. Julho de 2011.

Texto enviado em Junho de 2012.

Texto aprovado em Novembro de 2013.